

3
1
1
-
1
3
4
1
5
3
3
3
1
Z
1
1
2
3
-
1
1
,

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO: PERCEPÇÃO DA FORMA, INTERPRETAÇÃO DA VIDA

GUILHERME IGNÁCIO
LABORATÓRIO DO MANUSCRITO LITERÁRIO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

RESUMO

A preocupação principal do ensaio é com o aproveitamento do potencial crítico da obra de Marcel Proust: em que medida o crítico que lê bem o texto do manuscrito, que o sabe analisar estaria ou não dispensado da tarefa de interpretar a obra.

RÉSUMÉ

Ce court essai vise à déterminer le potentiel critique de l'oeuvre de Marcel Proust: dans quelle mesure, le critique qui sait lire et analyser le texte des Cahiers, serait dispensé ou non de l'interprétation de l'oeuvre.

ABSTRACT

The main aim of the article is to discuss the potential of criticism of the Marcel Proust's work: at what extent the critic who is a good

reader of the manuscripts and who knows how to analyse them is free of the task of interpreting the book itself.

Car nous sentons que la vie est un peu plus compliquée qu'on ne dit, et même les circonstances. Et il y a une nécessité pressante à montrer cette complexité.

Marcel Proust, *Le temps retrouvé*.

APRESENTAÇÃO

O artigo trata, em linhas gerais, do problema das condições de análise e interpretação do texto de *Em busca do tempo perdido*. Uma das principais questões de todo o artigo é: como analisar a obra de Proust? A primeira resposta, que antecederia qualquer discussão crítica, temática ou conceitual (do tipo: “A idéia de arte e literatura em Proust”, “O feminino na *Recherche*” ou “O conceito de memória em Proust e em Bergson”), poderia ser: partindo do próprio texto, acompanhando a prosa de Proust em seus meandros, atribuindo sentido à enorme quantidade de dados dispersos ao longo da *Recherche* (texto publicado e manuscritos), enfim, deixando o texto falar. E a interpretação? É problema irrelevante? Seguir o texto, revelar com engenho sua estrutura, mostrar com perícia as articulações de diversas passagens, de diversos cahiers entre si, mapear e datar bem direitinho todo o percurso genético da obra, transcrever com minúcia alguns fólhos de um cahier, tudo isso já nos dispensaria da árdua (e muitas vezes enganosa e equivocada) tarefa de interpretar o texto de Proust? Muito provavelmente sem estar à altura dessas perguntas, o artigo tenta, entretanto, dar algumas respostas a elas.

I - CONTATOS COM UMA “DESORDEM” BEM PROUSTIANA

Há pouco mais de um ano, comecei a tentar transcrever um *cahier* de Proust, o *Cahier 28* (1910-1911), caderno escolar em formato grande com mais de cento e cinqüenta fólhos repletos de

textos escritos à mão por ele – já de início percebi que, além de ter de decifrar a caligrafia bastante difícil de Proust,¹ teria de lidar com um processo de criação artística cuja característica principal parecia ser a absoluta desordem e falta de conexão entre temas que, muitas vezes, estavam um ao lado do outro, tudo num mesmo fólio.

Sem sombra de dúvida, o que mais surpreende (e amedronta...) nesse *cahier* é sua extraordinária riqueza temática – às vezes, numa seqüência de dois ou três fólios, saltamos de *À sombra das raparigas em flor* para *O caminho de Swann*, depois entramos pelo *Caminho de Guermantes* e terminamos o passeio lendo trechos com reflexões estéticas numa antecipação do que viria a ser, mais tarde, *O tempo redescoberto*: mesmo com a grande maioria dos fólios tratando da visita que o herói faz ao ateliê do pintor Elstir (com páginas inteiras repletas de impressões e interpretações de seus quadros), percorrendo o cahier, o leitor terá oportunidade de ler os rascunhos que tratam da famosa cena da preparação do chá de tília junto à tia Léonie, ou os que tratam da paixão arrebatadora do herói, ainda muito jovem, pelas estrelas do teatro; da importância da *petite phrase* no contexto do amor desesperado de Swann por Odette; das lembranças e desejos que despertam no herói os nomes de famílias nobres; das reações da avó à amizade com Saint-Loup (ainda chamado de *Montargis* no cahier); da visita ao salão do duque de Marengo, um representante da nobreza-império; da natureza da leitura; da primeira fase da amizade com Bloch; da descrição da *arrière cuisine*, lugar tão marcante para a sensibilidade da criança, no fundo da casa da tia, em Combray; da idéia bastante equivocada que Saint-Loup faz de seu tio, o barão de Charlus

1. Descrita nesses termos pelo próprio editor de suas cartas: “É difícil de distinguir, na caligrafia dele, a letra a da letra e. (...) Não é sempre que conseguimos distinguir um me, pronome, de um ne, partícula de negação, o possessivo ma do artigo indefinido une, ou, conjunção, de on, pronome pessoal, ainsi de aussi, os dias da semana lundi e jeudi.” “Il est difficile de distinguer, dans sa calligraphie, la lettre a de la lettre e. (...) On ne distingue pas toujours entre me et ne, ma et une, ou et on, ainsi et aussi, lundi et jeudi.” “L’édition de la correspondance”, Philip Kolb, *in: Cahiers Marcel Proust 14*, op. cit., p. 120. Todas as citações de textos em francês serão traduzidas por mim, vindo o texto original em nota de rodapé. Adotei procedimento inverso com relação ao texto da *Recherche* porque há, às vezes, falhas na tradução em português publicada pela editora Globo (principalmente no texto de *O tempo redescoberto*).

(ainda chamado *marquis de Guercy*), etc. – o leitor vai saborear, desse modo, toda a riqueza dos detalhes que compõem a cena do chá; vai experimentar a força da ironia de Proust introduzindo estrategicamente Mme de Villeparisis, uma Guermantes, nesse salão em que reina evidente decadência social, no salão do duque de Marengo; vai acompanhar o herói em visita ao ateliê de Elstir e, como conclusão bastante amarga e ao mesmo tempo instrutiva do narrador, ele vai ler que, da visita, só valeu a pena o contato com os quadros de Elstir, que toda a euforia com a recepção atenciosa do pintor não tem nenhum valor, se comparada ao que seus quadros podem revelar...

Os leitores dos manuscritos de Proust sabem como estes, bem diferentes dos dossiês de Flaubert, dão a impressão de pura desordem, no sentido em que os textos surgem no verso ou mesmo na mesma página sem nenhuma ligação evidente com o que está em face ou com o que o precede.²

Uma carta de 1908, ou seja, do momento em que começava a se delinear o que viria a ser a *Recherche*, nos sugere, de alguma forma, a natureza desse processo criativo que já estará em pleno funcionamento nos fólios do *Cabier 28*, dois anos depois:

*Car j'ai en train:
une étude sur la noblesse
un roman parisien
un essai sur Ste Beuve et Flaubert
un essai sur les Femmes
un essai sur la Pédérastie (pas facile à publier)
une étude sur les vitraux
une étude sur le roman.³*

2. Cf. "Da forma aos processos de criação", Philippe Willemart, nesta edição da revista *Manuscrita*.

3. *"Pois estão em andamento:
um estudo sobre a nobreza
um romance parisiense*

Toda essa diversidade já diz muito da essência da criação artística proustiana, em que “cada rascunho é um microcosmo da própria obra, tanto no plano da escritura, quanto da narrativa, mas, sobretudo, no plano dos motivos que se esboçam, dos temas que se respondem e que vão encontrar seu eco, posteriormente, em outros contextos em que se disseminarão”.⁴

O que vai, então, passar a decidir os caminhos de análise será sobretudo o tipo de recorte que o crítico fará desse *corpus* – se ele vai escolher, por exemplo, em meio a tanta diversidade temática, só um tema e procurar as suas ressonâncias em outros cahiers e no texto publicado, ou se ele vai evitar a análise temático-diacrônica e vai tentar encontrar uma possível lógica de articulação subjacente aos fólhos sucessivos desse *cabier*. É por esse último procedimento que optei. Ele, além ter se adequado à própria limitação do *corpus*, me foi sugerido pelo texto de Philippe Willemart que acabo de citar, cuja idéia-chave é a seguinte: “Proust não escrevia de qualquer jeito, ou melhor, o *scriptor* proustiano deitava as palavras no papel com um desígnio preciso, embora com freqüência não sabido, mas não ao acaso, como uma primeira leitura poderia fazer pensar”.⁵

II – DA PARTE AO TODO. E VICE-VERSA.

Essa escolha, entretanto, não está desvinculada daquilo que penso serem os procedimentos necessários para a leitura do próprio

um ensaio sobre Ste Beuve e Flaubert
um ensaio sobre as Mulheres
um ensaio sobre a Pederastia (difícil de publicar)
um estudo sobre os vitrais
um estudo sobre o romance.”

Carta ao marquês d'Albufera citada por Philip Kolb em: *Cahiers Marcel Proust 8, Le Carnet de 1908*. (Établi et présenté par Philip Kolb). Paris, Gallimard, 1976, p. 16.

4. “Chaque brouillon particulier est un microcosme de l'oeuvre, sur le plan de l'écriture ou du récit, mais surtout sur le plan des motifs qui s'esquissent, des thèmes qui se repondent et qui trouvent des échos, plus tard ou plus loin, dans d'autres contextes où ils seront disseminés.” BRUN, Bernard “Étude génétique de l' 'ouverture' de *La Prisonnière*”. In: *Cahiers Marcel Proust 14, Études Proustiennes VI*. Paris, Gallimard, 1987, p. 254.

5. Cf. “Da forma aos processos de criação”, Philippe Willemart.

texto publicado da *Recherche* – da mesma forma que para os textos manuscritos, o leitor da edição padrão só vai começar a compreender realmente o alcance desse texto quando for capaz de, dispondo da lembrança de todos os sete volumes, reconstruir aquilo que leu, articular as inúmeras partes dessa “catedral”, atribuir a verdadeira dimensão de passagens aparentemente descontextualizadas e extrair os significados que, antes disso, permaneciam latentes no texto. “Assim, no fim das contas, tudo depende de uma memória que não é de forma alguma involuntária: memória da obra total, memória ela própria total, que conserva e reproduz o conjunto dos episódios, como se estes nunca tivessem sido ameaçados pelo esquecimento”.⁶

“Se *texto* significava, para os romanos, aquilo que se tece, nenhum texto é mais ‘tecido’ que o de Proust, e de forma mais densa. Para ele, nada era suficientemente denso e duradouro”.⁷

Nada, nenhum detalhe se perde no texto de *Em busca do tempo perdido* – ao contrário do texto do pseudo-Goncourt descrevendo o salão Verdurin na parte inicial do *Tempo redescoberto*, toda a sobrecarga de detalhes do texto de Proust não é pura arte da minúcia, acúmulo inconseqüente de dados, caprichos de um miniaturista ou obsessão pelo que é pequenino e pitoresco, embora alguns leitores, procurando talvez na *Recherche* uma narrativa mais dinâmica e deparando com essas mais de três mil páginas em que quase nada acontece, não consigam se desvencilhar de todo dessa impressão:

Bientôt je pus montrer quelques esquisses. Personne n’y comprit rien. Même ceux qui furent favorables à ma perception des vérités que je voulais ensuite graver dans le temple, me félicitèrent de les avoir découvertes au “microscope”, quand je m’étais au contraire servi d’un

6. “Ainsi tout finalement dépend d’une mémoire qui n’est nullement la mémoire involontaire: mémoire de l’oeuvre totale, mémoire elle-même totale, qui conserve et reproduit l’ensemble des épisodes, comme si ceux-ci n’avaient jamais été menacés par l’oubli.” POULET, Georges. *L’Espace Proustien*. Paris, Gallimard, 1988, p. 133-4.

7. BENJAMIN, Walter, “A imagem de Proust”. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 37.

“
prol
T
unic
do
gera

8.

9.

10.

télescope pour apercevoir des choses, très petites en effet, mais parce qu'elles étaient situées à une grande distance, et qui étaient chacune un monde. Là où je cherchais les grandes lois, on m'appelait fouilleur de détails" (TR, IV, p. 618).⁸

“Por mais detalhista que seja Proust, acho que ele não é nunca prolixo; por mais abundante, jamais difuso”.⁹

No ato de leitura, os detalhes que sustentam as inúmeras unidades narrativas passam a atuar decisivamente na instauração do movimento contínuo entre a parte e o todo, o particular e o geral, ou, na síntese primorosa de Antonio Candido:

O detalhe em si não interessa. Interessa como estímulo para procurar a sua afinidade com outros, por meio da analogia. Daí a importância da metáfora, mais que da descrição, porque ela mostra as analogias e vincula uma variedade de pormenores. A ligação destes em nível fundo configura o significado real – rede oculta inacessível à topografia realista positiva, como é a de Goncourt.¹⁰

8. “Breve pude mostrar alguns esboços. Ninguém entendeu nada. Até os que me aprovavam a percepção das verdades que tencionava gravar depois no templo, felicitararam-me por as haver descoberto ao “microscópio”, quando, ao contrário, eu me servira de um telescópio para distinguir coisas efetivamente muito pequenas, mas porque situadas a longas distâncias, cada uma num mundo. Procurara as grandes leis, e tachavam-me de rebuscador de pormenores.” *O tempo redescoberto*. Trad. Lúcia Miguel Pereira. Rio de Janeiro, Ed. Globo, 1.^a edição, 2.^a impressão, 1958, p. 246. Todas as citações do texto original de *À la recherche du temps perdu* se referem à edição em quatro volumes da Bibliothèque de la Pléiade publicados, o primeiro em 1987, o segundo e o terceiro em 1988, e o último em 1989. Citarei primeiro a abreviatura convencional para cada volume (CS, JF, CG, SG, PR, AD, TR) seguida do número do tomo e da página. Todas as citações de *Em busca do tempo perdido* referem-se à tradução publicada pela Editora Globo e serão sempre apresentadas em nota.

9. “Si détaillé que soit Proust, je ne le trouve jamais prolix; si abondant, jamais diffus.” GIDE, André. “Marcel Proust”. In: *Incidences*. Paris, Gallimard, 1948 (primeira edição em 1924), p. 46.

10. CANDIDO, Antonio. “Realidade e Realismo (Via Marcel Proust)”. In: *Recortes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p. 127.

A carga expressiva desses detalhes, seu potencial sugestivo e estruturador, também está agindo ao longo dos fólhos dos seus manuscritos: personagens, ambientes, sensações, procedimentos narrativos, falas, cenas, impressões, lapsos, episódios – tudo o que compõe a narrativa de Proust se ramifica, emite novos reflexos, revela significados inesperados, condensa novos níveis de compreensão, esclarece-se mutuamente, expande-se maravilhosamente em novas leituras: “(...) não há silêncio, não há nada que seja inexpressivo, tudo é mensagem”.¹¹

Os textos de Proust (e aí incluo também seus manuscritos) podem ser para nós objeto de uma revelação, cuja essência talvez seja a mesma daquela que o herói experimenta ao ser apresentado a “Mlle de Saint-Loup” na matinê da princesa de Guermites:

*Comme la plupart des êtres, d'ailleurs, n'était-elle pas comme sont dans les forêts les “étoiles” des carrefours où viennent converger des routes venues, pour notre vie aussi, des points les plus différents? Elles étaient nombreuses pour moi, celles qui aboutissaient à Mlle de Saint-Loup et qui rayonnaient autour d'elle (TR, IV, p. 606).*¹²

São inúmeros também os caminhos que irradiam de um único ponto da *Recherche*. Não é sem procedência afirmar então que uma etapa da qual não poderá se esquivar nem seus críticos nem seus leitores, sob pena de enfraquecer as análises ou as leituras e de falsear as interpretações, é justamente a do adestramento quase obsessivo no trabalho analítico que vai da parte ao todo e que do todo visualiza novamente a função e a importância de cada parte: “Ainsi un amateur d'art à qui on montre le volet d'un rétable se

11. “(...) il n'y a pas de silence, il n'y a rien d'inexpressif, tout est message.” TADIÉ, Jean-Yves. *Proust et le roman*. Paris, Gallimard, 1971, p. 134.

12. “Como a maior parte das pessoas, aliás, não representaria ela, na vida, o mesmo que, nas florestas, as clareiras em forma de estrela para onde convergem, de pontos diversos, tantas veredas? Eram numerosas, no meu caso, as que se dirigiam para a Srta. de Saint-Loup, ou de seu derredor irradiavam.” *O tempo redescoberto*. *Op. cit.*, p. 237.

rappelle dans quelle église, dans quels musées, dans quelle collection particulière les autres sont dispersés (...) il peut reconstituer dans sa tête la prédelle, l'autel tout entier" (TR, IV, p. 551).¹³

"Esse palimpsesto de tempo e espaço, essas visões discordantes incessantemente contrariadas e aproximadas por um incansável movimento de dissociação dolorosa e de síntese impossível, esta é, sem dúvida, a visão proustiana".¹⁴

* * *

Acompanhar o herói Marcel em seu longo percurso é como acompanhar também o próprio percurso da gênese de um romance: ainda que de início se tenha a impressão de serem despropositados, pequenos detalhes vão sendo disseminados ao longo da narrativa e só vão ganhar sentido na leitura circular que pudermos fazer deles – assim como o livro termina com a descoberta final da natureza da vocação artística de Marcel, ou seja, um final de livro que também é seu próprio início (instaurando não um círculo vicioso, mas uma circularidade cheia de encanto e de uma lucidez sempre renovada), assim também se espera que sejamos capazes de reatar os fios da narrativa, que, acompanhando o herói, nos tornemos também o próprio narrador e saibamos atribuir sentido a toda essa longa caminhada de Marcel até a revelação final. E a cada volta a esse ponto de chegada e de partida que é *O tempo redescoberto*, é um novo livro, uma nova *Recherche* que acabamos de ler, tantos são os detalhes de composição que sustentam esse edifício.

"A obra de Proust é uma idéia de obra infinita, uma obra que não pode encontrar sua resolução conclusiva, uma obra cujo potencial só seria esgotado se, a cada instante, a história enviasse por conotação a todos os outros momentos que a compõem".¹⁵

13. "Assim um amante de arte a quem mostram o painel de um retábulo sabe em que igreja, em que museu, em que coleção particular andam dispersos os demais (...) reconstitui mentalmente o políptico, o altar todo." *O tempo redescoberto. Op. cit.*, p. 198.

14. "Ce palimpseste du temps et de l'espace, ces vues discordantes sans cesse contrariées et sans cesse rapprochées par un inlassable mouvement de dissociation douloureuse et de synthèse impossible, c'est sans doute cela, la vision proustienne." GENETTE, Gérard. *Figures I. "Proust Palimpseste"*. Paris, Éditions du Seuil, 1966, p. 51.

15. "L'oeuvre de Proust est une idée d'oeuvre infinie, qui ne peut trouver sa résolution conclusive que, pour épuiser tout son potentiel, il faudrait qu'à chaque instant

E “obra” não quer dizer texto publicado: “(...) tudo pertence ao livro, a separação entre prototexto e texto publicado é contingente, não é uma separação necessária. Todos os rascunhos pertencem ao livro”.¹⁶

Claudine Quémard parece ter sintetizado muito bem o que se deve então esperar dos leitores e críticos de Proust: “O único procedimento crítico aceitável, à luz do pensamento estético de Proust, é um procedimento genético que se proponha percorrer o caminho da criação para compreender (no sentido etimológico do verbo) esse objeto sintético que é um livro”.¹⁷

O próprio Proust, desde a publicação do primeiro volume, já insistia na importância da percepção dessa estrutura ampla que sustenta a *Recherche* para a sua compreensão. É com sincera emoção que ele saúda, em fevereiro de 1914, Jacques Rivière, o primeiro talvez a compreendê-la, antes mesmo de ter lido o segundo volume da obra: “Monsieur, Enfin je trouve un lecteur qui devine que mon livre est un ouvrage dogmatique et une construction!”¹⁸

André Gide, nas cinco páginas de impressões sobre *Em busca do tempo perdido* que publicou em maio de 1921, ou seja, antes mesmo da publicação da segunda parte de *O caminho de Guermantes* e da primeira parte de *Sodoma e Gomorra*, dirigia-se a Proust, referindo-se à obra dessa maneira:

l’histoire amenée à la présence renvoie par connotation à tous les autres moments de l’histoire.” STIERLE, Karlheinz. “Marcel à la chapelle de l’arena”. In: *Marcel Proust. Écrire sans fin*. Paris, CNRS Éditions, 1996, p. 203-4.

16. “(...) tout appartient à ce livre, la séparation de l’avant-texte et du texte est contingente, elle n’est pas nécessaire. Tous les brouillons appartiennent au livre.” COMPAGNON, Antoine. “Sodome 1913”. *Cahiers Marcel Proust 14. Études Proustiennes VI*. Paris, Gallimard, 1987, p. 154.

17. “La seule démarche critique acceptable, à la lumière de la pensée esthétique proustienne, est une démarche génétique qui se propose de parcourir le chemin de la création pour comprendre (au sens étymologique) cet objet synthétique qu’est un livre.” QUÉMARD, Claudine. “Hypothèses sur le classement des premiers cahiers *Swann*”. In: *Bulletin d’informations Proustiennes n.º 13*. Paris, Presses de l’École Normale Supérieure, 1981, p. 51.

18. “Senhor, encontro enfim um leitor que advinha que meu livro é uma obra dogmática e uma construção!” *Correspondance Marcel Proust-Jacques Rivière (1914-1922)*. Présentée et annotée par Philip Kolb. Paris, Librairie Plon, 1955, p. 1.

jo
cie
ten
leq
à l'
et c
une

aba
cin
sen

just
de

19.

20.

21.

Parece que seus livros não são “compostos” e que você espalha sua profusão ao acaso; mas, mesmo esperando os próximos volumes para poder julgar melhor, já suspeito que todos os elementos se mostram segundo uma ordem oculta, como as hastes de um leque que se juntam numa extremidade e cuja dispersão vem ligada por um tecido sutil sobre o qual se estendem as múltiplas cores de seu Maja.¹⁹

O leitor da *Recherche* e dos seus manuscritos deve, como o jovem Marcel no trem a caminho de Balbec, mostrar-se ágil o suficiente para conseguir juntar os inumeráveis fragmentos que sustentam a composição (e ajudam a recriar o “tecido sutil” desse leque): “(...); si bien que je passais mon temps à courir d’une fenêtre à l’autre pour rapprocher, pour rentoiler les fragments intermittents et opposés de mon beau matin écarlate et versatile et en avoir une vue totale et un tableau continu” (*JF*, II, p. 16).²⁰

“Assim, é necessário que toda leitura crítica da *Recherche* procure abarcar o universo ficcional do romance em sua totalidade, não cindi-lo em múltiplas e ínfimas unidades. É importante aproximar sempre uns dos outros os diversos episódios.”²¹

Os fragmentos, no entanto, permanecem independentes e são justamente as novas leituras que voltam a instaurar a possibilidade de uma visão fugaz na qual eles se juntam mais uma vez (e sempre

19. “Il semble que vos livres ne soient pas “composés” et que vous répandiez votre profusion au hasard; mais, si j’attends vos livres suivants pour en bien juger, je soupçonne déjà que tous les éléments s’en déploient selon une ordonnance cachée, comme les branches d’un éventail qui par une extrémité se rejoignent et dont la divergence est reliée par un tissu subtil où s’étale la diaprure de votre Maja.” GIDE, André. “A Propos de Marcel Proust”, In: *Incidences, op. cit.*, p. 47.

20. “(...); de modo que eu passava o tempo a correr de uma janela a outra, para aproximar, para enquadrar os fragmentos intermitentes e opostos de minha bela madrugada escarlate e fugidia e ter dela uma vista total e um quadro contínuo.” *À sombra das raparigas em Flor*. Trad. Mário Quintana, 2.ª edição. Ed. Globo, Rio de Janeiro, 1960, p. 181.

21. “Aussi est-il nécessaire que toute lecture critique de la *Recherche* cherche à embrasser l’univers fictif du roman dans sa globalité, non à la scinder en de multiples et infimes unités. Il importe de sans cesse rapprocher les uns des autres les divers épisodes.” BRUNEL, Patrick. *Le Rire de Proust*. Paris, Honoré Champion Éditeur, 1997, p. 152.

em novas combinações). Nunca existirá “O” sentido da *Recherche*, pois nela há sentidos latentes que tendem ao infinito. “De tanto inserir fragmentos em outros fragmentos, Proust encontra um meio de nos fazer pensar todos eles, mas sem referência a uma unidade da qual eles derivariam, ou que derivaria deles ela mesma.”²²

O potencial criativo dessa arte muito sofisticada de junção interminável de novos fragmentos, que, no próprio ato de sua contextualização, passam a enviar e a receber sinais dos outros fragmentos, acrescentando novos laços a essa enorme cadeia de relações que se torna o texto da *Recherche*, o potencial dessa arte desde o início escapava a Proust. Sua correspondência dos anos que antecedem a publicação de *No caminho de Swann* nos dá inúmeras provas desse fato – Proust, embora se queixe sempre de seu estado de saúde, parece confiante e acredita que pode terminar logo o livro (mais de dez anos e a morte o aguardava sem que ele pudesse terminá-lo...):

*Adieu cher Georges, je ne dors plus, je ne mange plus, je ne travaille plus, il y a encore bien d'autres choses que je ne fait plus mais celles-là il y a déjà bien longtemps. Tout de même avec un peu de nerf en deux mois mon livre serait prêt, mais aurais-je ces deux mois?*²³

Segundo Celeste Albaret, sua criada e enfermeira de 1913 a 1922, durante uma parte da madrugada do dia 22 de novembro de 1922, dia de sua morte, Proust, sem comer e sem dormir há dias, fechado num quarto frio com uma grave doença respiratória, ainda continuava escrevendo *Em busca do tempo perdido*:

22. “A force de mettre des morceaux dans les morceaux, Proust trouve le moyen de nous les faire penser tous, mais sans référence à une unité dont ils dériveraient, ou qui en dériverait elle-même.” DELEUZE, Gilles. *Proust et les Signes*. Paris, Presses Universitaires de France, 1964, p. 133.

23. “Adeus, meu caro Georges, eu não durmo, nem como, nem trabalho mais, tem muitas outras coisas que eu também já não faço mais, mas já faz muito tempo. Mesmo assim, com um pouco de esforço, em dois meses meu livro ficaria pronto, mas será que eu terei esses dois meses?” *Correspondance Tome X*. Texte établi, présenté et annoté par Philip Kolb. Paris, Librairie Plon, 1983, p. 254.

Ele mesmo não dormia mais. Quando não era atormentado pelas crises de tosse ou se sentia sufocado, ele trabalhava, obcecado pela idéia de poder enviar a tempo à Nouvelle Revue Française as provas corrigidas de A prisioneira. Ele tocava a campainha a toda hora, para pedir uma bolsa de água quente ou um casaco de lã, para pedir uma coisa ou outra, um livro, um cahier, um papel para ser colado.

E estas foram algumas de suas últimas palavras: “– Vous n’oubliez pas de coller ces papiers, là où il faut, Céleste? Surtout ne l’oubliez pas... c’est important”.²⁴

“(...) não havia nenhum motivo para que se interrompesse, a não ser pela morte, esse sistema de correspondências instaurado pelas voltas de uma escritura que continuava a progredir”.²⁵

III – LER SEM FIM: PRAZER ESTÉTICO E RADICALIDADE CRÍTICA

Escrevendo sem fim, Proust nos propõe também a experiência radical da leitura e da crítica sem fim – a quantidade de aproximações, simetrias, analogias, paralelos, semelhanças e convergências de todo um conjunto de detalhes que compõem sua obra é tão extraordinária e vertiginosamente exorbitante e pode ramificar-se em tantos caminhos possíveis de análise que, por mais empenhados que sejam seus leitores, uma única leitura é necessariamente

24. “Lui-même, il ne dormait plus. Quand il n’était sécoué de quintes de toux ou qu’il n’étouffait pas, il travaillait dans la hantise de ne pas pouvoir fournir à temps à la Nouvelle Revue Française les épreuves corrigées de *La Prisonnière*. Il sonnait tout le temps, tantôt pour une ‘boule’ chaude, tantôt pour un tricot, pour ceci, pour cela, un livre, un cahier, un papier à coller.” “Você não vai se esquecer de colar estes papéis lá onde é preciso, hein, Celeste? Por favor não se esqueça, é importante!” ALBARET, Celeste. *Monsieur Proust*. Souvenirs recueillis par Georges Belmont. Paris, Robert Laffond, 1973, p. 411 e 422, respectivamente.

25. “(...) il n’y avait aucune raison pour que s’arrêtât, autrement que par la mort, le système de correspondances instauré par les retours en arrière d’une écriture qui continuait de progresser.” BRUN, Bernard. “Introduction”, *Du Côté de chez Swann*. Paris, Flammarion, 1987, p. 52.

insuficiente. “Probablement ce qui fait défaut la première fois, ce n’est pas la compréhension, mais la mémoire” (JF, I, p. 520).²⁶

E isso não quer dizer que, como os *célibataires de l’art* dos quais nos fala Proust²⁷ (e aqui estamos entrando na questão bastante delicada da interpretação), seus leitores deveriam render para sempre homenagens a esse monumento da arte pela arte no seu grande apogeu de realização estética que seria a *Recherche* – um exaustivo trabalho artístico de puríssima linguagem; um lindo painel de formas neutras em agradabilíssimo movimento incessante. A esse respeito, é oportuna não só a advertência de Julia Kristeva – “A beleza sempre vem acompanhada de sarcasmo em Proust. Aqueles que se esquecem disso põem-se a imaginar o narrador como o apóstolo de uma nova comunhão. Ele teria prefigurado o feixe das almas tomadas pela beleza”²⁸ – mas também, e sobretudo, a de Antoine Compagnon – “O sentido que jaz no fundo da obra, ainda que irreduzível, cuja irreduzibilidade está na origem da própria pluralidade das leituras, não poderia ser absolutamente vazio, e os conteúdos não são, deste modo, indiferentes à forma”.²⁹

“O leitor em dia sabe que a comparação de um romance com a realidade é uma imperdoável gafe crítica, já que a literatura no fundo, a crer em seus teóricos atuais, não se refere a nada fora dela mesma e se deve somente à linguagem”.³⁰

26. “Provavelmente o que falta na primeira vez não é a compreensão, mas a memória.”
À sombra das raparigas em flor, op. cit., p. 80.

27. “De concerts en concerts passe sa vie ce stérile amateur, aigri e inassouvi quand il grisonne, sans vieillesse féconde, en quelque sorte le célibataire de l’art” (TR, IV, p. 471). Esse texto deveria se encaixar na seqüência da página 140 da tradução de Lúcia Miguel Pereira, mas ele está ausente. Arrisco a seguinte tradução: “De concerto em concerto, passa sua vida esse estéril amador, amargurado e insatisfeito quando vai ficando grisalho, sem velhice fecunda, de certa forma, um solteirão da arte”.

28. “La beauté ne manque jamais de sarcasme avec Proust. Ceux qui l’oublie se prennent à imaginer le narrateur comme l’apôtre d’une nouvelle communion. Il aurait préfiguré le faisceau des âmes éprises de la beauté.” KRISTEVA, Julia. *Le temps sensible. Proust et l’expérience littéraire*. Paris, Gallimard, 1994, p. 202.

29. “Le sens gisant au tréfonds de l’oeuvre, certes irréductible, dont l’irréductibilité est à l’origine de la pluralité des lectures, ne saurait être absolument vide, et les contenus ne sont pas à ce point indifférents à la forme.” COMPAGNON, Antoine. *Proust entre deux siècles*. Paris, Éditions du Seuil, 1989, p. 15.

30. SCHWARZ, Roberto. *Dois meninas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p. 103.

Teria Proust escrito as milhares de páginas que escreveu sendo levado somente pela obsessão de uma forma? Todas as revelações que experimentamos com a obra não seriam, na verdade, o que há de mais importante e pela descoberta do que Proust teria se privado de boa parte de sua vida, e sim o culto de uma forma que literalmente o dominava?

É com enorme ironia que Proust coloca estas palavras na boca de M. de Norpois, quando da primeira visita do diplomata à família do herói: "(...) à notre époque il y a des tâches plus urgentes que d'agencer les mots d'une façon harmonieuse" (*JF*, I, p. 465).³¹

Mas a beleza e a grandeza da *Recherche* certamente não são ser simplesmente linguagem em estado puro (uma ordenação de palavras impecavelmente harmoniosa numa espécie de reação insolente à estupidez do diplomata). Mesmo em passagens como esta: "Il n'est pas une heure de ma vie qui n'eût servi à m'apprendre que seule la perception plutôt grossière et erronée place tout dans l'objet quand tout au contraire est dans l'esprit" (*TR*, IV, p. 493).³²

O narrador proustiano não quer dizer que não exista realidade e que, conseqüentemente, a literatura só deve se ater àquilo que ela sabe muito bem que existe: a linguagem (sem substância). Essa passagem insere-se em todo um esforço teórico de Proust no sentido de conseguir vislumbrar literariamente o máximo do real sem que para isso, como o faz o pseudo-Goncourt no início do *Tempo redescoberto*, ele tenha de inundar sua prosa com toda sorte de detalhes da realidade (o que lhe importava, nesse caso, era descrever e problematizar as relações dos indivíduos entre si e com o que os circunda, e não a descrição de indivíduos e coisas por si sós; mas o acesso a essa realidade só é possível pelas marcas que ela deixou em nossa vida sensorial e emocional, marcas que serão redimensionadas pelo poder do estilo do escritor – "A única realidade autêntica é para Proust, já o sabemos, aquela que se dá na experiência da reminiscência e se perpetua no exercício da

31. "(...) na nossa época, há tarefas mais urgentes do que ordenar palavras de um modo harmonioso". *À sombra das raparigas em flor*, *op. cit.*, p. 35.

32. "Nem uma só hora de minha vida deixou de servir para ensinar-me, como já disse, que apenas a percepção grosseira e errônea enfeixa tudo no objeto quando, ao contrário, tudo reside no espírito." *O tempo redescoberto*, *op. cit.*, p. 156.

metáfora – presença de uma sensação em uma outra, ‘espelhamento’ da lembrança, profundidade analógica e diferencial, transparência ambígua do texto, palimpsesto da escritura”).³³

A passagem do *Tempo redescoberto* que acabo de citar liga-se, por exemplo, a esta outra, que trata dos procedimentos dos historiadores e cujas conseqüências não são poucas para o alcance crítico da obra: “Les historiens, s’ils n’ont pas eu tort de renoncer à expliquer les actes des peuples par la volonté des rois, doivent la remplacer par la psychologie de l’individu, de l’individu médiocre” (CG, II, p. 700).³⁴ O que leva Proust a nos apresentar a eclosão do affaire Dreyfus por Aimé, o *maître* do Grand-Hôtel de Balbec: “Aimé, avant de se retirer, tint à me dire que Dreyfus était mille fois coupable. ‘On saura tout, me dit-il, pas cette année, mais l’année prochaine: c’est un monsieur très lié dans l’état-major qui me l’a dit.’” (JF, II, p. 164).³⁵

Em *O tempo redescoberto* temos outro exemplo de formulação lapidar dessa maneira de o narrador enfocar, ao mesmo tempo, o individual e o sociocultural:

Dans le monde (et ce phénomène social n’est d’ailleurs qu’une application d’une loi psychologique bien plus générale) les nouveautés, coupables ou non, n’excitent l’horreur que tant qu’elles ne sont pas assimilées et entourées d’éléments rassurants. Il en était du dreyfusisme comme du mariage de Saint-loup avec la

33. “La seule réalité authentique, on le sait, c’est pour Proust celle qui se donne dans l’expérience de la réminiscence et se perpétue dans l’exercice de la métaphore – présence d’une sensation dans une autre, ‘miroitement’ du souvenir, profondeur analogique et différentielle, transparence ambiguë du texte, palimpseste de l’écriture.” GENETTE, Gérard “Proust et le langage indirect”. In: *Figures II*. Paris, Éditions du Seuil, 1969, p. 293-4.

34. “Os historiadores, se não fizeram mal em desistir de explicar os atos dos povos pela vontade dos reis, devem substituir esta pela psicologia de indivíduo medíocre”. *O caminho de Guermantes*. Trad. Mario Quintana. 11.ª edição. São Paulo, Ed. Globo, 1996, p. 366.

35. “Antes de retirar-se, Aimé insistiu em dizer que Dreyfus era mil vezes culpado. – Não de saber tudo – disse ele. – Não neste ano, mas no ano que vem. Quem me disse foi um senhor muito bem relacionado no Estado-Maior.” *A sombra das raparigas em flor*, op. cit., p. 304.

fille d'Odette, mariage qui avait d'abord fait crier (TR, IV, p. 305).³⁶

Fenômenos sociais que podem ser explicados por leis psicológicas. Mas o enfoque também pode inverter-se (e para a análise e interpretação do texto da *Recherche*, essa percepção é de um considerável ganho crítico): a minúcia com que se constrói a vasta rede de conexões entre os inúmeros detalhes de composição do texto proustiano obriga o leitor a ler na mesma chave episódios com um significado aparentemente limitado e circunstancial, estendendo suas conclusões para além das fronteiras do indivíduo. O homoerotismo, a crueldade feminina, o esnobismo, a relação que cada um tem com a arte e com a criação, todo tipo de preconceito, o amor perverso, as vaidades, caprichos, desejos e taras, enfim, todos os principais temas que têm o foco no indivíduo, ou que, mesmo com raízes no social, se dão a ver através do indivíduo, todos eles podem (e devem) ser pensados segundo a lógica da interseção dos detalhes de composição, quando então passamos a vislumbrar o que Proust chamaria de "lei" e que é, na verdade, uma chave interpretativa que se insinua. Seguindo esse raciocínio, as tentativas de interpretação só poderiam ser empreendidas ao fim de um exaustivo percurso de aproximações a que nos conduz a própria estrutura do livro. Vejamos se, com alguns exemplos, tudo isso fica um pouco mais claro.

Vamos tentar aproximar algumas situações e episódios que exemplificam o tratamento dado por Proust à questão da conduta de cada um com relação a seu próprio passado: Charles Swann, um judeu de família riquíssima, que freqüentou durante muito tempo os salões de maior prestígio do Faubourg Saint-Germain, mas que, com a onda anti-semita despertada pelo affaire Dreyfus,³⁷

36. "Na sociedade (fenômeno mundano que não é, seja dito de passagem, senão a aplicação de uma lei psicológica muito mais geral), as novidades, culpadas ou não, só horrorizam enquanto não são assimiladas e envoltas em elementos tranquilizadores. Sucedera ao dreyfusismo o mesmo que ao casamento de Saint-Loup com a filha de Odete, alvo a princípio de tanta indignação." *O tempo redescoberto*, *op. cit.*, p. 23-4.

37. Em *Sodoma e Gomorra* temos a opinião do duque sobre as atitudes de Swann em apoio a Dreyfus: "Voyez-vous, reprit, M. de Guermantes, même au point de vue

e já com a saúde bastante debilitada, viu-se tacitamente excluído pelos membros da aristocracia do Faubourg, gostaria muito, um dia, de poder apresentar sua filha Gilberte à duquesa de Guermantes.³⁸ Mas, quando enfim, após a morte do pai e de outros familiares, Gilberte entra em posse de uma das maiores fortunas da França e passa a freqüentar o Faubourg,³⁹ ela reage da seguinte maneira, se perguntada sobre seu nascimento: “On a raconté beaucoup de choses très différentes sur ma naissance, moi je dois tout ignorer.” (AD, IV, p. 165.);⁴⁰ Charles Morel, filho de um *valet de chambre* do tio de Marcel, torna-se um violinista de renome sob a calorosa proteção do barão de Charlus. Dentre os Guermantes, não será apenas o barão que se apaixonará por Morel: tanto o príncipe de Guermantes (cf. SG, III, p. 463-8), quanto seu sobrinho, Saint-Loup (cf. TR, IV, p. 257) tentam, em ocasiões diferentes, envolver-se com ele. Mas, quando essa ascensão ainda se preparava, nos tempos em que Morel fazia sua entrada no salão Verdurin, ele

de ses chers Juifs, puisqu'il tient absolument à les soutenir, Swann a fait une boulette d'une portée incalculable. Il prouve qu'ils sont tous unis secrètement et qu'ils sont en quelque sorte forcés de prêter appui à quelqu'un de leur race, même s'ils ne le connaissent pas. C'est un danger public.” (SG, III, p. 79). “Ora veja, continuou o Sr. De Guermantes, mesmo do ponto de vista de seus queridos judeus, pois se empenha absolutamente em sustentá-los, Swann cometeu uma tolice de alcance incalculável. Prova que eles se vêem de algum modo forçados a prestar apoio a qualquer um da sua raça, mesmo quando não o conhecem. É um perigo público.” *Sodoma e Gomorra*. Trad. de Mário Quintana. 2.ª edição. Rio de Janeiro, Ed. Globo, p. 68.

38. Às vésperas da morte de Swanna duquesa se posicionava desta forma com relação a essa apresentação: “<<Je vous dirai (...) que moi je ne tiens pas excessivement à le voir parce qu'il paraît, d'après ce qu'on m'a dit tout à l'heure chez Mme de Saint-Euverte, qu'il voudrait avant de mourir que je fasse la connaissance de sa femme et de sa fille.” (SG, III, p. 79). “Pois quanto a mim (...) eu não faço grande questão de vê-lo, pois parece, pelo que me diziam ainda há pouco em casa da Sra. de Saint-Euverte, que ele desejaria, antes de morrer, que eu conhecesse a sua esposa e sua filha.” *Sodoma e Gomorra*, *op. cit.*, p. 68.
39. “Quand on apprit dans l'aristocratie le dernier héritage qu'elle venait de faire, on commença à remarquer combien elle était bien élevée et quelle femme charmante elle ferait” (AD, IV, p. 159). “Nos meios aristocráticos, quando se soube da última herança que ela acabava de receber, começou-se a observar como era bem educada, e que esposa encantadora daria ela.” *A fugitiva*. Trad. Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro, Ed. Globo, 1.ª edição, 2.ª impressão, 1958, p. 127.
40. “Contaram uma porção de coisas a respeito de meu nascimento, mas eu prefiro ignorar tudo.” *A fugitiva*, *op. cit.*, p. 132.

abordou Marcel com uma amabilidade e gentileza inesperadas e pediu-lhe o seguinte:

Monsieur me rendrait bien grand service (...) en cachant entièrement à Mme Verdurin et à ses invités le genre de profession que mon père a exercé chez son oncle. Il vaudrait mieux dire qu'il était, dans votre famille, l'intendant de domaines si vastes, que cela le faisait presque l'égal de vos parents (SG, III, p. 301);⁴¹

Bloch, o amigo judeu de Marcel, cujo gosto artístico-literário o herói tanto admirava nos tempos de Combray, é surpreendido saindo de uma tenda fincada na areia em Balbec dizendo o seguinte: "On ne peut pas faire deux pas sans en rencontrer (...). Je ne suis pas par principe irréductiblement hostile à la nationalité juive, mais ici il y a plétore. On n'entend que: 'Dis donc, Apraham, chai fu Chakop'" (JF, II, p. 97).⁴² Na matinê da princesa de Guermantes, já nas últimas páginas do romance, Marcel quase não o reconhece, tamanha a dissimulação que Bloch imprimira aos traços que denunciavam sua origem judaica (cf. TR, IV, p. 530-1); a grande atriz Berma, motivo da paixão arrebatadora do herói pelo mundo do teatro, já estava bastante debilitada fisicamente mas, mesmo assim, continuava a encenar para tentar satisfazer os caprichos da filha e do cunhado. Estes, por sua vez, abandonarão a grande atriz em vias de morrer para poderem, mesmo sem terem sido convidados e, conseqüentemente, com grandes chances de serem humilhados, tentar chegar a tempo à matinê da princesa de Guermantes e poder prestar sua homenagem a Rachel, atriz medíocre, mas em voga no Faubourg Saint-Germain – "La Berma, atteinte d'une maladie mortelle qui la forçait à fréquenter peu de monde, avait vu son état

41. "O senhor me prestaria um grande serviço (...) ocultando inteiramente à Sra. Verdurin e a seus convidados o gênero de profissão que meu pai exerceu em casa de seu tio. Seria melhor dizer que ele estava na sua família como intendente de domínios tão vastos que isso o tornava quase da mesma classe que seus pais." *Sodoma e Gomorra, op. cit.*, p. 245.

42. "Não se pode dar dois passos sem tropeçar com um judeu. Em princípio não sou irreduzivelmente hostil à raça judia, mas assim já é demais. Só se ouve: Olá Abraão, olha, é eu, Jacó!" *À sombra das raparigas em flor, op. cit.*, p. 248.

s'aggraver quand, pour subvenir aux besoins de luxe de sa fille, besoins que son gendre souffrant et paresseux ne pouvait satisfaire, elle s'était remise à jouer" (*TR*, IV, p. 573).⁴³

Há entre vários personagens da *Recherche* uma tendência de tentar se ver livre de seu passado, de se desfazer de laços afetivos que, embora muito fortes, poderiam representar uma ameaça ao desejo irreprimível, cego e egocêntrico de ascensão social. O resultado (mostrado com o olhar distanciado e impiedoso tão característico do narrador proustiano) é um jogo de aparências, de superfícies enganosas, mas reconfortantes:

*Todos esses homens e mulheres, cujos movimentos e falas estão totalmente direcionados à satisfação de seus caprichos, desejos e vontades, não têm consciência de sua razão de ser, de seu próprio destino, de nada que esteja além das fronteiras do mundo visível, do mundo tátil e da camada de ar através da qual eles caminham, como se, na sua inconsciência, eles fossem insetos.*⁴⁴

Ainda que não prossigamos na análise comparativa dessas situações, parece claro que seria no mínimo subestimar o potencial crítico delas se tratássemos cada personagem e o contexto em que se inserem como a elaboração de um perfil de um indivíduo bem particular (Gilberte Swann, Charles Morel, Bloch e a filha de Berma), mas circunstancial e totalmente isolado. Que, desvincular cada caso da rede de conexões que se insinuam na justaposição acima, além de, num primeiro momento, empobrecer a análise, tiraria muito da validade das interpretações que nos sentiríamos tentados a avançar.

43. "A Berma, vítima de uma doença mortal que a obrigava a freqüentar pouco a sociedade, vira seu estado agravar-se quando, para sustentar os hábitos de luxo da filha, que o genro, indolente e de saúde débil, não podia satisfazer, recomeçara a trabalhar." *O tempo redescoberto*, *op. cit.*, p. 213.

44. "Tous ces hommes, toutes ces femmes dont les mouvements et les paroles ne tendent qu'à satisfaire leurs caprices, leurs désirs et leurs volontés, sont inconscients de leur raison d'être, de leur destiné, de quoi que se soit en dehors du visible, du tangible et de la couche d'air où ils évoluent, comme en sont inconscients des insectes." *Les cahiers Marcel Proust 5. Autour de 60 Lettres de M.P.* par Lucien Daudet. Paris, Gallimard, 1952, p. 56.

O narrador proustiano não se integra, de forma alguma, ao grupo que ele denomina *romanciers mondains*, “qui analysent cruellement du dehors les actes d’un snob ou prétendu tel, mais ne se placent jamais à l’intérieur de celui-ci, à l’époque où fleurit dans l’imagination tout un printemps social” (SG, III, p. 147).⁴⁵ A análise que ele faz, por exemplo, das reações de Mme de Crambremer, “une personne malgré tout remarquable, connaissant à fond Schopenhauer, et ayant accès en somme dans un milieu intellectuel qui était fermé à son grossier époux” (TR, IV, p. 318),⁴⁶ essa jovem bastante inteligente e não menos esnobe, “née Legrandin” (quer dizer, irmã de um dos grandes esnobes da *Recherche*, casada com um marido desinteressante, mas nobre, só que de uma nobreza do campo absolutamente obscura), à presença de sua sogra não deixa dúvidas de que, falando do esnobismo, ele está também olhando de frente os sentimentos mais íntimos dela e vice-versa: “D’ailleurs elle ne méprisait pas seulement l’intelligence de celle-ci, mais déplorait son amabilité, craignant toujours que les gens n’eussent pas une idée suffisante des Cambremer” (SG, III, p. 204).⁴⁷

Os sentimentos e reações individuais, quando bem descritos, dizem muito do personagem que tentamos conhecer, mas encontram sua justificativa e estendem suas implicações para muito além da célula-indivíduo – parece ser uma mensagem a tirar dessa importância que Proust atribui à análise pormenorizada da psicologia individual: “com isso encontram-se, também, a ordem e a interpretação da vida, que surge dela própria; isto é, aquela que se forma, em cada caso, em cada personagem; aquela que é en-

45. “romancistas mundanos”, “(...) que analisam cruelmente de fora os atos de um esnobe, ou tido como tal, mas jamais se colocam no interior deste, na época em que floresce na imaginação toda uma primavera social.” *Sodoma e Gomorra*, *op. cit.*, p. 122.

46. “(...) pessoa apesar de tudo superior, grande conhecedora de Schopenhauer, pertencente, em suma, a um meio intelectual vedado ao grosseiro marido (...)” *O tempo redescoberto*, *op. cit.*, p. 32.

47. “Aliás, não desprezava unicamente a inteligência desta, mas deplorava a sua amabilidade, temendo sempre que os outros não tivessem uma idéia suficiente dos Cambremer.” *Sodoma e Gomorra*, *op. cit.*, p. 167.

contrável, em cada caso, na sua consciência, nos seus pensamentos e, de forma mais velada, também nas suas palavras e ações”.⁴⁸

Quer dizer: não faltam provas, mesmo para o leitor mais inexperiente, que lê a *Recherche* pela primeira vez e se empolga com a força da prosa de Proust, de que o livro não se limita a nos pôr em contato apenas com o requinte formal, de que os limites impostos pelos que tratam a literatura como pura linguagem não são jamais respeitados pela prosa dele. Afinal, como nos diz o narrador, a propósito do talento de Bergotte, as obras geniais são criadas por aqueles

qui ont eu le pouvoir, cessant brusquement de vivre pour eux-mêmes, de rendre leur personnalité pareille à un miroir, de telle sorte que leur vie si médiocre d'ailleurs qu'elle pouvait être mondainement et même, dans un certain sens, intellectuellement parlant, s'y reflète, le génie consistant dans le pouvoir réfléchissant et non dans la qualité intrinsèque du spectacle réflété (JF, I, p. 545).⁴⁹

* * *

Da parte ao todo/do indivíduo ao sociocultural – obedecendo ao fascínio do movimento contínuo da estrutura do livro, cuja oscilação é delimitada por esses termos, a análise, ao mesmo tempo em que vai ganhando força, faz-nos discernir com mais segurança interpretações possíveis: levados pela visão encantatória dessa forma deslumbrante, à medida que avançamos na reconstrução analítica, passamos a receber sinais de certos conteúdos que se insinuam e que são, na verdade, os germes das interpretações. O próprio *cabier*,

48. AUERBACH, Erich. “A meia marrom”. In: *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo, Perspectiva, 1987, p. 494.

49. “(...) que tiveram o poder, deixando subitamente de viver para si mesmos, de tornar a sua personalidade igual a um espelho, de tal modo que a sua vida aí se reflete, por mais medíocre que aliás pudesse ser mundanamente e até, em certo sentido, intelectualmente falando, pois o gênio consiste no poder refletor e não na qualidade intrínseca do espetáculo refletido.” *À sombra das raparigas em flor*, op. cit., p. 101.

nesse sentido, por ser um dos elos da cadeia que deu origem à *Recherche*, deve ser lido com mais uma parte que remete ao todo: como Marcel explica a Albertine, “les grands littérateurs n’ont jamais fait qu’une seule oeuvre, ou plutôt réfracté à travers des milieux divers une même beauté qu’ils apportent au monde” (PR, III, p. 877).⁵⁰

Podemos, dessa maneira, encarar a variedade assustadora de temas que se sucedem nos fólhos dos manuscritos de Proust, não mais como um simples amontoado narrativo regido pelo acaso, mas sim como uma entrada privilegiada no mundo ficcional do escritor, um contato direto com mecanismos expressivos que atuam decisivamente em vários planos, desde o trabalho artesanal com as palavras até a conexão sutil das várias unidades narrativas aparentemente desvinculadas. Quando nos dispomos a fazer tal percurso analítico-interpretativo, nos damos conta, então, de que forma e conteúdo estão tão imbricados que fica até difícil dizer qual deles tem a primazia, qual deles dá vida ao outro, nosso olhar se assemelhando ao do jovem Marcel à beira do Vivonne observando as garrafas com as quais os garotos em Combray tentavam pegar alguns peixinhos:

Je m’amusais à regarder les carafes que les gamins mettaient dans la Vivonne pour prendre les petits poissons, et qui, remplies par la rivière, où elles sont à leur tour encloses, à la fois “contenant” aux flancs transparents comme une eau durcie, et “contenu” plongé dans un plus grand contenant de cristal liquide et courant, évoquaient l’image de la fraîcheur d’une façon plus délicieuse et plus irritante qu’elles n’eussent fait sur une table servie, (...) (CS, I, p. 166).⁵¹

50. “os grandes literatos jamais escreveram senão uma obra única, ou por outra, nunca fizeram senão retratar através de meios diversos uma mesma beleza que trazem ao mundo.” *A prisioneira*. Trad. Manuel Bandeira e Lourdes Sousa de Alencar. 11.ª edição. São Paulo, ed. Globo, 1994, p. 350.

51. “Divertia-me em olhar os garrações que os garotos metiam no Vivonne para apanhar peixinhos, e que, cheios de água do rio, em que estão por sua vez encerrados, ao mesmo tempo ‘continente’ de flancos transparentes como uma água endurecida, e ‘conteúdo’ mergulhado em um maior continente de cristal líquido e correntio,

A discussão da complexidade formal do livro é de capital importância, tanto para ampliar nossa compreensão do livro (ao nos colocar em contato com os procedimentos artísticos que dão tanta força à prosa de Proust), quanto, já no terreno metodológico, para nos imunizar contra a tentação das leituras meramente descritivas ou de recorte muito limitado. Mas, caso se insista em ver *Em busca do tempo perdido* como um mundo absolutamente hermético de pura linguagem (mundo regido pela prepotência formal, ditando suas leis de excelência artística, ou expandindo indefinidamente a gratuidade extraordinária de sua gélida estrutura, mesmo ao longo dos fólhos dos manuscritos), o gesto final, por exemplo, em que o narrador nos propõe gentilmente nos estender o livro como um óculos dos mais apropriados para podermos começar a enxergar melhor em nós mesmos e na nossa realidade – “Regardez vous-même si vous voyez mieux avec ce verre-ci, avec celui-là, avec cet autre” (TR, IV, p. 490)⁵² – não passaria de pura presunção, perderia tudo o que ele tem de uma sublime consciência do poder revelador de sua prosa. Pois, “Nunca houve ninguém que soubesse como ele mostrar-nos as coisas. Seu dedo indicador não tem igual”.⁵³

*Proust é alguém cujo olhar é infinitamente mais sutil e atento que o nosso, e que nos empresta esse olhar o tempo todo em que o lemos. E como as coisas que ele olha (e com tanta espontaneidade que ele nunca parece estar observando) são as mais naturais do mundo, ficamos com a impressão de que, lendo-o, incessantemente, é em nós mesmos que ele nos permite enxergar.*⁵⁴

evocavam a imagem da frescura de maneira mais deliciosa e irritante do que o poderiam fazer em mesa posta, (...)” *No caminho de Swann*. Trad. Mário Quintana. 15.ª edição. São Paulo, ed. Globo, 1993, p. 165.

52. “Experimente se vê melhor com estas lentes, com aquelas, com aquelas outras.” *O tempo redescoberto*, *op. cit.*, p. 153.

53. BENJAMIN, Walter. “A imagem de Proust”. In: *Magia e técnica, arte e política*, *op. cit.*, p. 46.

54. “Proust est quelqu’un dont le regard est infiniment plus subtil et plus attentif que le nôtre, et qui nous prête ce regard, tout le temps que nous le lisons. Et comme les choses qu’il regarde (et si spontanément qu’il n’a jamais l’air d’observer) sont

“Hoje de manhã, eu estava lendo aquela cena no restaurante com Saint-Loup. Quantas reflexões você me permitiu fazer sobre mim mesmo! Como você é profundo e cruel, mesmo sem dar a impressão de sê-lo!”⁵⁵

IV – INTERPRETAÇÃO DA VIDA

“La vraie vie, la vie enfin découverte et éclaircie, la seule vie par conséquent pleinement vécue, c’est la littérature”.⁵⁶

Uma só leitura da *Recherche* é insuficiente, entre outros motivos, porque Proust propõe-se nada menos do que recriar e interpretar a vida por meio do veículo privilegiado que é a literatura. Só a arte, e especialmente a literatura, poderá problematizar a complexidade do real, será capaz de nos recolocar nos caminhos de certas verdades das quais a vida, ela mesma, pouco a pouco nos foi distanciando:

*Ce travail qu’avaient fait notre amour-propre, notre passion, notre esprit d’imitation, notre intelligence abstraite, nos habitudes, c’est ce travail que l’art défera, c’est la marche en sens contraire, le retour aux profondeurs où ce qui a existé réelement gît inconnu de nous, qu’il nous fera suivre (TR, IV, p. 474 e 475, respectivamente).*⁵⁷

les plus naturelles du monde, il nous semble sans cesse, en le lisant, que c’est en nous qu’il nous permet de voir.” GIDE, André. “A propos de Marcel Proust. In: *Incidences, op. cit.*, p. 44.

55. “Je relisais ce matin la scène au restaurant avec Saint-Loup. Que de réflexions ne m’avez-vous pas faites faire sur moi-même ! Comme vous êtes profond et cruel, sans avoir l’air d’y toucher!” Carta de Jacques Rivière a Marcel Proust do dia 4 de janeiro de 1921. In: *Correspondance, Tome XX*. Paris, Plon, 1992.
56. Esse trecho deveria se encaixar no texto da página 142 da tradução em português da *Recherche*. Ele, entretanto, está ausente. Eu traduzo: “A verdadeira vida, a vida enfim descoberta e tornada clara, conseqüentemente, a única vida plenamente vivida, é a literatura.”
57. “O trabalho feito pelo amor-próprio, pela paixão, pelo espírito de imitação, pela inteligência abstrata, pelos hábitos, é o que há de desmanchar a arte, na marcha em sentido contrário, na volta que nos fará empreender aos abismos onde jaz ignorado de nós o que realmente existiu.” *O tempo redescoberto, op. cit.*, p. 142.

A prosa de Proust, na linha de Stendhal, Balzac e Flaubert, só que partindo de um ponto de vista individual dos mais rebuscados, exigentes e fascinantes artisticamente, toma para si o encargo de imaginar e compor, para uso do prazer estético e da contemplação crítica, as reações da sensibilidade e da inteligência a toda uma ampla complexidade objetiva (em que individual e sociocultural se permeiam, se complementam e se explicam mutuamente). “Um homem que renuncia ao mundo passa a ter condições de compreendê-lo.”⁵⁸

Milhares de páginas de uma desilusão abissal e felicidade fulminante, “*A la recherche du temps perdu* é a tentativa interminável de galvanizar toda uma vida humana com o máximo de consciência”.⁵⁹

CONCLUSÃO

A análise da *Recherche* passa pela competência de leitura em paralelo dos inúmeros detalhes que sustentam sua composição – o texto fala, e muito; mas cabe a nós receber, degustar e reorganizar essa fala cujo princípio formador é a sobreposição exaustiva de detalhes aparentemente isolados, cujo foco de irradiação são os indivíduos. Realizando esse processo de análise, começamos, então, a perceber que, além de falar, de insinuar as múltiplas articulações que vão dar sentido às nossas análises, o texto também faz surgir, aos pouquinhos, os germes das próprias interpretações, as “leis” (sociais, afetivas, comportamentais, mundanas...). Seria necessário suportar a vertigem dessa proliferação dos detalhes, dar coerência a ela por meio da análise e chegar, enfim, a avançar as interpretações possíveis, quando, então, o texto de Proust mostra a que veio e passa a nos dar armas para a decifração do mundo contemporâneo. O crítico ou leitor que só escuta, que só chega à análise (por mais minuciosa e impecável que ela seja), ou é apenas um pouquinho

58. “Un homme qui renonce au monde se met dans la condition de le comprendre.” VALÉRY, Paul. “Stéphane Mallarmé”. In: *Variété II*. Paris, Gallimard, 1930, p. 172.

59. BENJAMIN, Walter. “A imagem de Proust”. In: *Magia e técnica, arte e política, op. cit.*, p. 46.

mais do que um simpático e estéril *célibataire de l'art* (aquele tipo de solteirão que jamais aprofunda intelectualmente suas emoções e percepções artísticas), ou se crê, na sua arrogância, dispensado da tarefa cansativa (mas absolutamente necessária...) de passar a interpretar o que leu, ou tem comprometimentos teóricos que o fazem ignorar grande parte do potencial crítico da prosa de Proust.

BIBLIOGRAFIA

- PROUST, Marcel. *A la recherche du temps perdu*. Paris, Bibliothèque de la Pléiade, T.I 1987, T.II 1988, T.III 1988, T.IV 1989.
- Cahiers Marcel Proust 8, Le Carnet de 1908*. Établi et présenté par Philip Kolb. Paris: Gallimard, 1976.
- Correspondance Marcel Proust-Jacques Rivière (1914-1922)*. Présentée et annotée par Philip Kolb. Paris: Librairie Plon, 1955.
- Correspondance, Tome X*. Texte établi, présenté et annoté par Philip Kolb. Paris: Librairie Plon, 1983.
- Correspondance, Tome XX*. Paris: Plon, 1992.
- No caminho de Swann*. Trad. Mário Quintana. 15.^a edição. São Paulo: Globo, 1993.
- À sombra das raparigas em flor*. Trad. Mário Quintana. 2.^a edição. Rio de Janeiro: Globo, 1960.
- O caminho de Guermantes*. Trad. Mário Quintana. 1.^a edição. São Paulo: Globo, 1996.
- Sodoma e Gomorra*. Trad. Mário Quintana. 2.^a edição. Rio de Janeiro: Globo, 1960.
- A prisioneira*. Trad. Manuel Bandeira e Lourdes Sousa de Alencar. 11.^a edição. São Paulo: Globo, 1994.
- A fugitiva*. Trad. Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Globo, 1.^a edição, 2.^a impressão, 1958.
- O tempo redescoberto*. Trad. Lúcia Miguel Pereira. Rio de Janeiro: Globo, 1.^a edição, 2.^a impressão, 1958.

GERAL

- ALBARET, Celeste. *Monsieur Proust*. Souvenirs recueillis par Georges Belmont. Paris: Robert Laffond, 1973.
- AUERBACH, Erich "A meia marrom". In: *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 471-98.

- BENJAMIN, Walter. "A imagem de Proust". In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 36-49.
- BRUN, Bernard. "Introduction", *Du Côté de chez Swann*. Paris: Flammarion, 1987.
- _____. "Étude génétique de l' "ouverture" de *La prisonnière*". In: *Cahiers Marcel Proust 14, Études Proustiennes VI*. Paris: Gallimard, 1987, p. 221-87.
- BRUNEL, Patrick. *Le Rire de Proust*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 1997.
- CANDIDO, Antonio. "Realidade e Realismo (Via Marcel Proust)". In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 123-9.
- COMPAGNON, Antoine. *Proust entre deux siècles*. Paris: Éditions du Seuil, 1989.
- _____. "Sodome 1913". *Cahiers Marcel Proust 14. Études Proustiennes VI*. Paris: Gallimard, 1987, p. 149-64.
- DAUDET, Lucien. *Les cahiers Marcel Proust 5. Autour de 60 Lettres de M.P.* par Lucien Daudet. Paris: Gallimard, 1952.
- DELEUZE, Gilles. *Proust et les signes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1964.
- GIDE, André "A propos de Marcel Proust". In: *Incidences*. Paris: Gallimard, 1948, p.43-8.
- KRISTEVA, Julia. *Le temps sensible. Proust et l'expérience littéraire*. Paris: Gallimard, 1994.
- POULET, Georges. *L'Espace Proustien*. Paris: Gallimard, 1988.
- QUÉMAR, Claudine. "Hypothèses sur le classement des premiers cahiers *Swann*". In: *Bulletin d'informations Proustiennes n.º 13*. Paris: Presses de l'École Normale Supérieure, 1981, p.17-24.
- SCHWARZ, Roberto. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- STIERLE, Karlheinz. "Marcel à la chapelle de l'arena". In: *Marcel Proust. Écrire sans fin*. Paris: CNRS Éditions. 1996, p.181-204.
- TADIE, Jean-Yves. *Proust et le roman*. Paris: Gallimard, 1971.
- WILLEMART, Philippe. "De la forme aux processus de création". Conferência pronunciada no Segundo Congresso Internacional "Genèse" na Biblioteca National da France, dia 12 de setembro de 1998. Tradução publicada nesta edição da revista *Manuscrita*.